

O El Niño e a Mobilização Popular pela Sobre- vivência



1

O que é o El Niño?

Segundo o Instituto Nacional de Meteorologia (INMET), “El Niño-Oscilação Sul (ENSO) é um dos principais fenômenos que influenciam o clima global.

Ele ocorre devido a mudanças na temperatura das águas do Oceano Pacífico [El Niño] e na circulação atmosférica [Oscilação Sul], sendo composto por três fases: El Niño, marcado pelo aquecimento das águas; La Niña, caracterizada pelo resfriamento das águas; e neutralidade, que é quando não há atuação de qualquer dos dois fenômenos”

O fenômeno foi nomeado “El Niño” – que significa “o menino” em espanhol – pelas populações católicas da região equatorial da América do Sul, por sua ocorrência se dar com mais intensidade na época natalina.

Esse fenômeno tem impactos variados em diferentes regiões, afetando a agricultura, o abastecimento de água, a saúde pública e a economia.

Estudos demonstram que mudanças climáticas aumentam a frequência e a intensidade desses eventos, agravando suas consequências.





Não há mais dúvida: EL NIÑO ESTÁ ACONTECENDO

De acordo com várias instituições de pesquisa meteorológica, El Niño já começou.

G1, 11 de junho de 2026:

“Em maio, a NOAA apontava 82% de chance de formação do El Niño nos meses seguintes. Agora, a discussão já NÃO é mais se o fenômeno vai ocorrer, mas qual será sua intensidade. No boletim divulgado nesta quinta-feira, a agência confirmou que ele está estabelecido e indicou 63% de probabilidade de que se torne muito forte, com potencial para entrar no grupo dos maiores eventos registrados desde 1950.”

<https://g1.globo.com/meio-ambiente/noticia/2026/06/11/noaa-el-nino.ghml>

INMET, 11 de junho de 2026:

“O fenômeno El Niño voltou a se estabelecer no Oceano Pacífico Equatorial e deve ganhar intensidade nos próximos meses, podendo alcançar a intensidade forte durante a primavera austral de 2026, de acordo com informação oficializada pelo Centro de Previsão Climática da NOAA nesta última quinta-feira (11).”

<https://portal.inmet.gov.br/noticias/elniño-está-de-volta>

O retorno do El Niño também vem sendo apontado por diversos centros meteorológicos internacionais, dentre os quais a Agência Meteorológica do Japão (JMA), o Centro Climático da Cooperação Econômica Ásia-Pacífico (APCC), o Centro Europeu de Previsões Meteorológicas de Médio Prazo (ECMWF), o Departamento de Meteorologia da Austrália (BoM) e a Organização Meteorológica Mundial (WMO). A atualização também converge com a análise divulgada pelo Instituto Nacional de Meteorologia (INMET) na última terça-feira (9).”



Por que este El Niño pode ser mais perigoso do que o “normal”?

Porque ocorre num contexto de mudanças climáticas produzidas pelo sociometabolismo do capital, isto é, a forma como o capitalismo impõe uma “ruptura metabólica” nas relações sociedade-natureza, causando destruição, degradação e insustentabilidade.

A exploração desenfreada da natureza vem produzindo uma convergência de crises ambientais, cuja consequência é o colapso socioambiental do mundo como conhecemos e do nosso modo de vida. O desmatamento, a poluição e o aquecimento global, entre outros fatores, provocam desequilíbrios ambientais, tornando eventos como o El Niño mais frequentes e extremos.

Além disso, as desigualdades sociais também se manifestam na forma de desigualdades ambientais. Populações vulneráveis têm mais dificuldade de se proteger e muitas vezes habitam regiões que são tratadas como zonas de sacrifício, ou seja, áreas sacrificadas, caracterizadas pela degradação, injustiça e sofrência ambiental, habitadas por humanos tidos como inferiores e desprovidos de direitos. A falta de investimento em infraestrutura social e ambiental, típica dos países capitalistas periféricos – como o Brasil, marcado por submissão aos países mais poderosos economicamente e militarmente –, torna as crises climáticas mais letais.

4

Quais as consequências possíveis de um Super El Niño?

O sistema climático é muito complexo, o que torna praticamente impossível prever exatamente o que vai acontecer, porém podemos olhar para a história e para os trabalhos científicos para perceber quais são as tendências mais prováveis.

Infelizmente, El Niños, mesmo moderados, causam impactos negativos no Brasil e em outras partes do mundo. A seguir, relacionamos alguns exemplos de impactos registrados.

FOME: 1877-1878 *um dos mais severos El Niños já registrados, causou secas e fome em várias partes do mundo.*

CHUVAS EXTREMAS: 1965-1966, 1969-1970, 1982-1983, 1986-1988, 1997-1998, 2009-2010, 2023-2024.

ONDAS DE CALOR: 1991-1992, 2023-2024.

INCÊNDIOS FLORESTAIS: 1991-1992, 2023-2024.

SECA: 1877-1878, 2014-2016, 2023-2024.

Curiosidade: O El Niño de 92 foi marcado pela realização da ECO 92 e pela música "Rio 40 Graus", de Fernanda Abreu.

5

Impactos diferentes em cada região do Brasil

No Brasil, o El Niño provoca consequências diferentes entre as regiões.



NORTE:

Seca extrema e ondas de calor com temperaturas elevadas. Cenário propício a novo período de fortes queimadas na Amazônia.



NORDESTE:

Secas severas e ondas de calor intenso.



CENTRO-OESTE:

Irregularidade das chuvas e ondas de calor intenso.



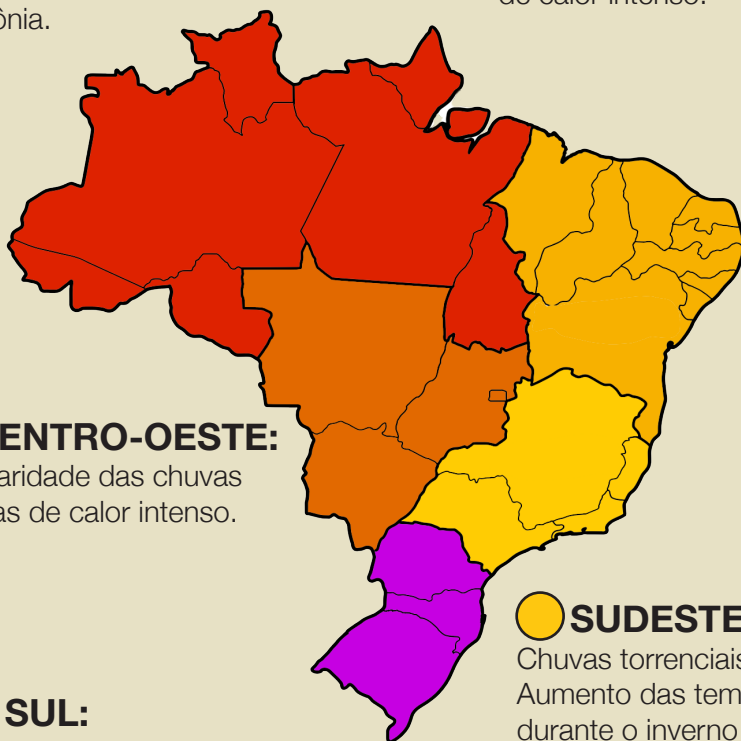
SUL:

Manifestação de chuvas torrenciais muito acima das médias históricas para a região, além de intensificação das temperaturas.



SUDESTE:

Chuvas torrenciais isoladas. Aumento das temperaturas durante o inverno e recorde de temperaturas durante o verão.



Se depender de nossos governantes, de A a Z, veremos novamente os mais pobres pagando a conta das catástrofes. Neste momento, cabe aos movimentos populares investigar como El Niño afetará suas bases e pensar em iniciativas auto-organizadas e nas demandas ao Estado.

O QUE FAZER NO TERRITÓRIO?

- Informar a população sobre os impactos do El Niño e formas de prevenção.
- Estudar o território e os trabalhos científicos e identificar as ameaças: enchentes, deslizamentos, ondas de calor, incêndios florestais e outras. Buscar parcerias com escolas e universidades e elaborar planos populares de adaptação climática.
- Agir de forma auto-organizada. Organizar as comunidades para monitorar e responder rapidamente às ameaças climáticas. Instalar pluviômetros artesanais, criar ilhas de frescor, realizar mutirões para a retirada de material inflamável, organizar rotas de fuga etc.
- Organizar brigadas populares de resposta a desastres.
- Promover práticas agrícolas sustentáveis, como a agroecologia, no campo e na cidade, para enfrentar a insegurança alimentar.
- Criar redes de solidariedade para apoio mútuo em situações de emergência.



O que exigir dos governos federal, estaduais e municipais?

Exigir do Estado, em todos os níveis e esferas, as medidas necessárias para prevenir tragédias, como a organização de planos de contingência para desastres, bem como a alocação dos recursos necessários para sua execução, além de exigir também:

- Decretação de Emergência Climática nos níveis federal, estadual e municipal.
- Transparência e participação popular nas decisões que afetam o meio ambiente e nas respostas aos desastres.
- Recomposição dos estoques reguladores.

Investimentos imediatos em infraestrutura para minimizar enchentes, inundações e deslizamentos.

- Fortalecimento do CEMADEN, da Defesa Civil, do IBAMA e ICM-Bio.
- Políticas de proteção e reparação para as comunidades atingidas, priorizando os mais vulneráveis.
- Planos de adaptação climática, construídos com participação popular, que incluam controle do desmatamento e reflorestamento.

● Fim das políticas que privilegiam grandes empresas e latifundiários em detrimento da população trabalhadora e do meio ambiente. Interromper a dinâmica de expansão das manchas urbanas em função dos interesses da especulação imobiliária. Reverter as políticas de novos desmatamentos nas áreas centrais.

● Criar protocolos para a proteção dos trabalhadores e estudantes durante as ondas de calor, incluindo: mudanças nos turnos de trabalho, diminuição da jornada de trabalho sem redução dos salários, suspensão de atividades, auxílio emergencial para os trabalhadores precarizados.

● Distribuição, pelo poder público e empresas privadas, de tendas de hidratação e protetor solar, e estabelecimento de locais, como shoppings, para abrigar a população mais vulnerável.

Esta cartilha convida à reflexão e à ação coletiva, mostrando que enfrentar El Niño é também um desafio político: para vencer as crises climáticas é necessário abolir o sistema que explora a natureza e o povo – o capitalismo. Portanto, precisamos enfrentar o negacionismo, tosco ou sutil, e suas falsas ilusões, seja de que não existe um colapso ambiental, seja de que é possível um capitalismo verde e sustentável.

É possível afirmar que, mantidas as tendências atuais, seguiremos avançando em direção ao colapso ambiental até o limite da capacidade de funcionamento da economia de mercado e dos Estados nacionais, ameaçando a sobrevivência da humanidade e de inúmeras outras espécies. Portanto, a classe trabalhadora precisa entrar em campo, construir um programa anticapitalista pela sobrevivência e, com auto-organização, alterar as tendências atuais.

**Radicalizar os ecologistas!
Ecologizar os radicais!**

**Produzir menos.
Produzir diferente.
Dividir melhor.**

Revolução ou extinção!



Texto: Grupo de Estudo Ecologia e Marxismo
Revisão: Marlene Petros Angelides
Diagramação: Filipe Franco